

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.ª
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone:

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CASA ONDE NÃO HÁ PÃO...

Admita-se que é Portugal uma pátria, constituída por elementos morais ou economicamente homogêneos, assim como que uma grande família empobrecida, decadente, tendo sucedido a uma longa existência à *la dérive*, e após prolongadas estorvadas se via tombada na última miséria, enferma, dos vícios derradeiros, sujeita às complacências do destino, apegada a esperanças visionárias. E certo é que a comparação se mostra justa, nos seus principais aspectos, a menos. Portugal é, no momento que passa, mais que nunca, uma casa imensíssima, sem pão, que esbanja loucamente os últimos recursos, num viver sem preconceito, inconsciente, e agora se romira esvaziada, de mãos a abanar. Uma casa sem pão é Portugal. E nas casas sem pão surgem os ralhos, irrita-se a colectividade, e a paz a cada momento mais se afasta. O governo em Portugal vem a ser, finalmente, a mesma coisa que um chefe de família, desesperado com os gritos da prole, gritos de fome, gritos de penúria, um chefe de família que, não podendo dar aos filhos caldos substanciais, alimentares, de carne gorda, dá-lhes em troca caldos no machoço escanzado, com o que lá consegue fazer recrudescer a gritaria.

Ora, aqui se aconselha lialmente, a quem governa, nova tática, semelhante à que adoptam os médicos atilados, nova tática que tenha por objectivo atacar a causa original e não o efeito provisório da moléstia, que corrompe o combalido organismo nacional. Se o pouco sossego em que se mostra o país, deriva, directamente, do mal estar da grei, a conduta inteligente, desconhecida talvez dos governantes, exactamente por ser inteligente, é melhorar as condições da mesma grei. Mas é melhor-la como? Bem conhecemos nós os meios por que isso poderia fazer-se; mas melhor do que nós conhecemos os governantes esses mesmos meios, posto que a dirigir os povos se propuseram. Seria honesto, da parte desses mesmos governantes, confessar que não sabem ou não podem modificar a base económica de Portugal, no sentido da regeneração indispensável. Porque está provado que não sabem pelo nada que até agora tem feito. E da circunstância de não saberem deriva a circunstância de não poderem, ou seja porque os tolhe a ignorância própria,

NOTAS E IMPRESSÕES

Poetas...

É certo e sabido que, em Portugal, os poetas - que rebanam aí por todos os cantos, como os cogumelos, e os prosadores - que, de resto, não aparecem com a mesma facilidade - nunca souberam apreciar o bem-estar e a abundância, porque sendo o ofício daqueles que tem mais, não os falta nada, e bem sabem que todos os portugueses se sentem apertados por um verso de poezia, e honra de qualquer coisa e a propósito de qualquer assunto. O ofício tem, e nem sempre há quem tenha dentes para entrar com ele.

Contudo, todos são poetas em Portugal. Os livros reproduzem-se com uma frequência que espanta; cobrem-se de pó nas estantes dos livros, mas as suas folhas não se abrem já mais, conservando-se para todo o sempre hermeticamente cerradas como o texto sagrado do Alcorão, aos olhos dos profanos. Não se lê. Todavia não se deve extranhar que se não leia. A nossa asfixiante percentagem de analfabetos explica tudo...

Se a seis milhões de habitantes correspondem, na melhor das hipóteses, mil e meio de alfabetos - como dizia o outro - e se desse milhão e meio tirarmos, pelo menos 50% de poetas, como é possível que os livros se vendam, e não se tornem aos seus autores, e como se há de evitar que os seletos e cinquenta mil melhores restantes não leiam senão jornais? Sim, porque o preço verdadeiramente hostil por que se merecem as obras lusitanas faz arripiar, não só os cabelos como também o caminho daqueles que algo queiram conhecer do que os nossos escrevem.

Deve viver-se para a poesia e não para a vida, entendendo eu, Mas, aí dos que assim fazem. Em vez de comerem para viver, passaram a viver para não comer. E como sem comer se não vive, aí temos o grande épico estorvado de lazear, abandonado de todos e de tudo...

Mas com uma estória rodeada de quiosques de capité - verdadeiro e genuíno símbolo nacional - e Bocage, o lírico in-

EM EVORA Um movimento popular pró-barateamento do pão

Retira a com'são vinda a Lisboa, depois de conseguida, para o grave problema, uma solução assim, assim

Como ontem relatámos, esteve em Lisboa uma comissão, representante dos consumidores de Evora, para entrevistar o ministro do comércio e alguns deputados, reclamando destas entidades o barateamento do pão, que no aludido distrito de Evora, se tem estado vendendo ao preço inverosímil de \$22 o quilo. A comissão retirou-se hoje de Lisboa, depois de pela segunda vez se ter avistado com o ministro do comércio, na presença dos deputados eleitos pelo círculo, que agora tão energicamente se tem movimentado. Desta entrevista resultou uma solução para o problema da carestia do pão, solução consignada no seguinte documento, assinado por três deputados do círculo de Evora:

«O sr. ministro do comércio ouviu e ponderou as razões que os representantes do operariado de Evora, srs. Neto, Cândida e Trindade, lhe apresentaram, e absolutamente convicto das boas intenções que em todos predominam de ser solucionado o conflito de Evora, resolve o seguinte:

«Esses operários farão saber aqueles que representam que o sr. ministro fornecerá por preço conveniente o milho necessário para o fabrico de farinha que será lotada com a de trigo, do que resultará um abastecimento de preço para o pão de consumo. Além disso, como deve chegar brevemente farinha exótica por preço baixo, o sr. ministro fornecerá a cidade de Evora porções convenientes para que ali se mantenha o preço do pão em condições compatíveis com a economia geral do país e com a situação do operariado e demais habitantes do concelho de Evora.

«Câmara dos Deputados, 6 de Agosto de 1919. — Os deputados, João Xavier Camarate Campo, Alberto Jordão Marques da Costa e Manuel Eduardo da Costa Frago.

Neste pé está a grave questão. A solução proposta pelo ministro do comércio barateará, sem dúvida, o preço do pão. Mas consegua-se isso inferiorizando o produto. O operariado de Evora vai apreciar o remédio proposto em Lisboa. E já convencidos estamos nós de que ele desistirá continuar comendo pão de trigo, e só de trigo, mas a preço inferior aquele que hoje paga. O tempo é que mostrará aos consumidores de Evora quais os resultados da solução governamental.

corpo como grande de talento; o burilado maravilhoso e magnífico das Claridades do Sul; o demolidor gigantesco e terrível do Anti-Cristo; o sonetista sardónico e subtil do Mefistóteles em Lisboa, é hoje irreconhecível sob o chapéu preto desabado, com que a pasta nua das mãos, o guarda-sol na outra, o frack cheio de nódoas e as calças ao fundo da barriga - por aí se mostra, alvo seguro da garotada ao olhar falsoamente maguado dos seus contemporâneos, que o choram em todos os tons, hipocritamente, veladamente, esses contemporâneos que o vão deixar apodrecer ao canto duma escada, e que, intimamente, desejam talvez vê-lo estoirar de fôme e de fadiga, para depois lhe fazerem, quem sabe, uma estátua... e o competente panetiro.

Triste condição a dos poetas e miserável objectivo da Humanidade. Espelhar para engrandecer. Esmaçar para incensar depois. Que farçada! O parlamento vota pensões que nem para morrer de lãrica chegam, em vez de procurar pôr fim, por uma vez, ao espectáculo vergonhoso duma pátria madrastra como todos os diabos, e que não tem pontão por onde se lhe pegue, deixando acabar aos poucos as suas glórias, matando-as lentamente, com todos os estranhos burocráticos - mais propriamente burocráticos - quando podia, se alguma coisa quizesse fazer, enquanto tem tempo para isso, fundar uma casa onde, ao cabo de anos de ingente labor, todos os artistas: músicos, pintores, actores, arquitectos, poetas, escultores, pudessem, enfim, descansar sem se expor à humilhação degradante da esmola.

Isso, sim, seria uma boa obra; e uma vez que, pelo menos aparentemente, todos estão convencidos de que há necessidade de se acudir aos talentos que, pelo seu trabalho se impuseram e por ele quebraram a sua lança, não vejo razão para que tudo continue como dantes. Pouco se lê e parte do que se lê é mau. Que os patrioteiros tenham, ao menos, o orgulho dos seus filhos, se estes não preferirem exceder-se pelo abandono a que os votam.

Mas, afinal, pensando melhor, para que os seletos e cincoenta mil poetas, que, pelo baixo, calculo para Portugal - colónias e ilhas adjacentes - queriam a certa altura ingressar na Casa dos Artistas, julgando-se todos com direito à consagração da Patria - com P grande - agradecida, e o governo vê-se lá em sérios embaraços para conseguir agradar a todos porque seria preciso um edifício com a área do Terreiro do Paço, quadruplicado para a todos dar azilo. Nada! dou o alvitro no caixote do lixo. E talvez preferível que Gomes Lial, e os outros que vê-nham depois dele, vão arrastando a sua miséria à luz clara do sol para que os choramistas oficiais tenham vergonha da sua obra, se esse sentimento é susceptível de penetrar a brônzea espessura de tam duros arcaboços.

Mocos de Portugal! Aceitai o meu conselho: Trocai a pena pela colher do

OS FORÇADOS Gente do fogo

AVARIA NA CALDEIRA

É a hora do calor.

O navio desliza sereno, num balançar suave, e os passageiros, reunidos na ponte, escutam narrações bizarras. Em baixo, encafiados na casa das caldeiras, enfurados e semi-nus, os fogueiros vigiam a massa incandescente que lhes cresta o rosto e ensopa a camisola.

Um deles está irritado. Ainda há pouco atirou com a porta da fôrnelha, numa tergiversação fugaz. Logo bruscamente pega da alavanca, e revolve o brazeiro com a violência de quem, despeitado, se vinga nos objectos; depois resmunga uma ordem ao chefe, que desaparece no escuro com um carro de ferro.

Agora espera a volta do carvão da banca, lá, quase ao extremo do barco, porque do paiol talvez seja a causa da combustão incompleta, o que o irrita e o faz andar de alavanca na mão, fatigando os braços inutilmente.

Mas aos outros, aos seus camaradas do fogo, parece que nada os incomoda, posto que prosseguem afanosos como de costume. Logo, ali há mistério, e o de ouvido atento, a prescitar no estertor da tiragem, um pequeno pretexto, de recambiar o caso para o maquinista de quarto.

Entretanto, volta o carrinho a aparecer. É destrancada a porta. Já a pé se eleva em direcção à fôrnelha, quando de súbito o fogueiro detém o gesto do chefe, exclamando:

— Vamos ter d'essa!

Ao roncã da tiragem veio juntar-se um pff... pff... um chiar inquietante, semelhante ao tisanar de vítimas nas chamas de Moloch.

O fogueiro, uns momentos suspenso, desaparece rápido. Surge em cima, no fogo complicado dos *passarellas*, que encimam o caçilo acanhado das caldeiras, como uma jaula. Some-se de novo, e daí a pouco está outra vez junto à caldeira, acompanhado do maquinista, que foi chamar a correr.

Este examina o cinzeiro, faz uma careta e em seguida tudo aquilo toma um aspecto trágico, fantástico.

Do escuro avançam os outros chegados das caldeiras próximas, rostos hediondos, traços exagerados pela iluminação violenta do clarão incendiado do brazeiro.

O maquinista dá ordens, aponta, agacha-se, e aquela chusma enfurada e semi-nua, tremelha-se, desaparece, volta a mostrar a musculatura rijá, deformada pela luz, consoante a passagem ou abandono do facto lizente. Logo uma mexida de baldes, um arrastar de ferros, e depois um vômito de fogo, um golfar de braças, a cair da bocarra escancarada da fôrnelha.

O calor é asfixiante. Pelo chão vai alastrando uma massa fosforescente. Agora vê-se melha a scena. Diante da guela rubra, candeante, as silhuetas dos homens empunham rodas, arrastando para fora as braças que lhes caem aos pés.

Súbito, como um facto, eleva-se do chão um fumaceira branca, espessa, que envolve tudo. Logo uma praga tremenda e um homem queimado, que deixa cair um balde com um estrondo sinistro.

A faina prossegue. O chiar fumegante vai sendo mais contínuo.

O chão entra a alagar-se, e é mais bizarro, mais tenebroso o efeito produzido pelas reverberações sanguíneas.

Na sombra vai um arrastar de tábuas que arripiam.

A espaços, o maquinista espreita. Começa mal a manobra, não há que ver! — Um homem queimado. Não foi muito, mas...

Nova arrelia. O chão vai-se alagando cada vez mais.

A água, arrastando as coisas, e a escória do carvão, entupiu um ralo e lá vai um homem, a suar, impedindo novos precalços...

Sabe-se a causa do pff... pff... no interior da conduta. É uma rutura num tubo. Agora, com a fôrnelha descarregada, vê-se bem a água pingando, e um farfalhar de vapor, escapando-se aos poucos.

Mais um balde com água a apagar as últimas braças e a claridade alaranjada vai diminuindo. Depois é a voz do maquinista ecoando na sombra:

— Tragam para aqui as tábuas! Tomem que meter um tampo.

Silenciosamente as tábuas vão entrando.

pedreiro e aqueci os trinta reis da fava, rica cotidiana com a ajuda dos vossos anacoretismos hexâmetros. Deixai-vos de poetas. E vós parasitas, que julgais o Poeta rebanado já, tanto o vosso lamento se assenhele e um canto ríndez, chorai-o, que só para isso tendes geito. Chorai o seu talento morto, que os poetas são de boa boca até mesmo com as lágrimas alheias se contentam. Ainda que essas lágrimas sejam cintilantes como as vossas.

Já o desditoso Bocage dizia:

É que seria em vós dever mais pio Chorar-lhe a vida que chorar-lhe a morte.

Antero de LIMA

A queda da Comuna da Hungria

Os romenos ocupam Budapeste

BASILEIA, 5. — Dizem de Budapeste que os romenos entraram segunda-feira de tarde em Budapeste. — H.

AS PERSEGUIÇÕES SOMA E SEQUE...

Continuam no Carmo, há mais de 8 dias e sem culpa formada, os dez camaradas presos quando do assalto à U. O. N.

Mais uma prisão se efectuou ontem: a do operário da construção civil Alfredo Lopes, que se encontra no governo civil. Prosseguem, pois, as perseguições inibidas dos governantes. Vê-se que a República, a despeito das tremendas lições do passado, continua sendo um feudo da burguesia, que entende por bem não permitir que o proletariado se organize e se emancipe. É um facto incontestável que em Portugal, em pleno regime democrático, existe uma atmosfera de opressão que em monarquias onde o operariado está fortemente organizado, não existe. Na Espanha, apesar de reacção e realista, as liberdades individuais e públicas, são mais respeitadas pelos governantes que no nosso país. Não somos nós que o dizemos. Afirma-o, um diário sindicalista de Espanha, num artigo onde é duramente justificado o procedimento dos estadistas republicanos de Portugal.

Estabelece a lei que nenhum cidadão pode estar preso mais de oito dias sem culpa formada. É uma determinação cheia de justiça, destinada a evitar que qualquer indivíduo seja vítima do arbítrio da autoridade. Mas, porque é justa, porque é razoável, raras vezes os governantes, que nunca deixam de usar e abusar largamente do que as leis tem de iniquo e revoltante, a ela obedecem. Bem pelo contrário. Quantos e quantos presos políticos ou por questões sociais tem gemido nos ergástulos da democracia, durante longos meses, sendo ali libertados sem que saibam a que obedeceu a sua captura e a sua libertação!

É o que sucede presentemente com os camaradas Joaquim Francisco, Alexandre Assis, Vitor Martins, Desidério Augusto, Diogo Homênio Júnior, José Gonçalves, José Antunes, Alberto de Almeida, Félix António Fernandes e Diamantino do Nascimento, que há mais de oito dias se encontram no quartel do Carmo, e que por completo ignoram a razão porque a autoridade mantém a sua detenção. Que pretendem delles? Porque delles estão presos? Não o sabem. E a policia acha muito natural que aqueles homens estejam encerrados, roubando-os ao trabalho e a suas famílias, sem que lhes dê qualquer satisfação, sem que os interesse da natureza do delito porque ali se encontram!

Quem assim procede, não precisa mentar os indivíduos que durante o si-donismo se revoltavam porque com eles se seguia igual processo. Então, protestavam. Agora, como se encontram no poder, ainda que momentaneamente, porque o terreno em que se firmam trema, e fácil é que lhes fuja de baixo dos pés, acham muito natural que se aplique esse regime de arbítrio e de violência aos operários, a sub-jente que tudo produz e que tem o ar-rôjo de reivindicar altivamente os seus direitos postergados!

Além desses camaradas se encontram há mais de oito dias presos sem culpa formada, acresce a circunstância de se encontrarem incommunicáveis, o que representa uma violência máxima, e que não deixará de indignar todos os homens de coração bem formado que não tenham como palavras despidas de significado real a Humanidade e a obrigação que os governos tem de respeitar os direitos do cidadão.

No governo civil encontram-se os seguintes camaradas que podem ser visitados das 9 às 10 horas:

Rosendo José Viana, Alfredo Monteiro e João Manente, manufacturadores de calçado; Tomás Domingos de Oliveira e Teodomiro de Lemos, ferroviários; Raúl Baptista, Júlio Faria e José Pinto Quaresma, metalúrgicos; Abílio Augusto Afonso, empregado na Carris de Ferro; António Nunes, pedreiro; Álvaro José Marques, surrador; Guilherme António Pequeno, siqueiro; Augusto de Sousa, Imprensa Nacional; Mário Augusto Duarte, estudante; Bernardino dos Santos, da Assistência 5 de Dezembro; Alfredo Lopes, operário da construção civil e Manuel da Costa, servente de pedreiro.

Canteiros e Polidores de Mármore

A direcção desta Associação protesta veementemente contra as perseguições sistemáticas que se estão fazendo a elementos operários e tendo-se feito, em assembleia geral da classe, a afirmação de que em seu seio não existem *menores* que vivem à custa do seu coiffe, extranha que a ordem do governo se conserve preso o secretário da direcção, Desidério dos Santos, preso quando do último assalto à sede da Federação da Construção Civil, e que ontem fossem prender o camarada Alfredo Lopes, perseguindo-se outros consciões conscientes, cujo crime é o de serem apologistas duma sociedade mais justa e equitativa.

Em nome da classe protesta contra tal arbitrariedade e convida o governo a dizer publicamente o motivo destas perseguições e prisões, estando disposta a classe a actuar por todas as formas, a fim de conseguir a libertação dos camaradas alvejados arbitrariamente.

Manufactureiros de calçado

Em reunião da direcção, foi apresentada a situação dos camaradas presos, sendo resolvido avistar-se hoje com os camaradas manufactureiros de calçado presos, e tratando depois da sua situação junto do conselho jurídico da U. O. N.

Federação da Construção Civil

Reuniu ultimamente o Conselho Federal, tratando das prisões arbitrarias contra os elementos da organização operária, resolvendo provar perante as autoridades que os militantes desta organização são honestos trabalhadores, embora contra alguns haja a acusação de algumas prisões efectuadas em idênticas circunstâncias arbitrárias, continuando detidos no quartel do Carmo criaturas presas pela primeira vez.

Foi nomeada uma comissão para tratar deste assunto e procurar prestar toda a solidariedade aos operários encarcerados.

41

A intervenção na Rússia

São do grande jornal liberal inglês *The Daily News* as palavras seguintes:

«Há uns dez dias, garantia o sr. Churchill ao país que iam seguir o exemplo americano e retirar as nossas tropas da Rússia. E fora de dúvida que fez esta promessa de má vontade. Ele sabe que o povo inglês não tolerará esta guerra, e acaba de ter, com a Conferência de Southport, uma advertência quanto ao espírito e intenções do trabalho organizado a este respeito. Ontem, com um descaro característico, disse ao sr. Hodge que apoiávamos as operações de Denikin. «por todos os meios ao nosso alcance, menos o envio de importantes unidades combatentes deste país.»

Por outros termos, persiste em desafiá-lo o sentimento público geral. Vê-se obrigado a suspender a remessa de homens para a Rússia, mas destor-se enviando cada vez mais *tanks*, gases asfixiantes e armas aos inimigos da Rússia. Porque é isso o que são os homens como Koltchak e Denikin. E por serem inimigos da Rússia e da Revolução russa que eles chafurdam de mãos para trás nas suas tentativas de subjugar o povo russo. Onde quer que apareçam, são mal sucedidos, pois os russos, como tais, são contra eles, sejam bolchevistas ou antibolchevistas. Mas, sem o apoio dos Aliados, esses Aliados que combateram pela liberdade, há muito tempo que os tais aventureiros teriam desaparecido.

Por quanto tempo mais há-de continuar esta tragédia? Por quanto tempo vamos nós mandar mantimentos para alimentar os russos com uma mão, e *tanks* e gases asfixiantes para os assassinar com a outra?

Note-se que, num jornal britânico, é bastante excepcional esta linguagem veemente.

AVANTE!

suspende a sua publicação devido a acintosa perseguição que lhe tem sido movida

O nosso preso colega *Avante!* foi forçado a suspender a sua publicação devido às constantes violências de que foi vítima e que lhe acarretaram importantes prejuízos materiais. Em «*Avante!*», justificava assim a decisão do seu grupo editor:

«MORDACA. — Mais uma vez, *Avante!* foi forçado a suspender a sua publicação devido às constantes violências de que foi vítima e que lhe acarretaram importantes prejuízos materiais. Em «*Avante!*», justificava assim a decisão do seu grupo editor:

Lamentando a suspensão de *Avante!* faz *A Batalha* votos para que esse intrepido colega, uma vez terminado o período da brutal repressão em que vivemos, reapareça, a fim de continuar a nosso lado, combatendo pelos direitos da classe trabalhadora!

Os grandes palões

Roberto Minor, o artista norte-americano que foi à Rússia como correspondente do *Public Ledger*, de Filadélfia, escreve das petas espalhadas sobre a Rússia:

«O ano passado estive eu nove meses na Rússia Central e posso portanto falar da sua situação.

«Posso garantir-vos que todos os artigos publicados para caluniar a República dos Sovietes são abominavelmente falsos, são propaganda paga por gente interessada em restaurar a reacção.

«As histórias contínuas de êxito de sangue nas cidades russas são falsas na sua quasi totalidade. Li narrações de batalhas em Moscovia, numa ocasião em que eu me encontrava naquela cidade, e posso atestar que tais histórias são ridículamente inexatas. Há menos desordem, e um homem, uma mulher ou uma criança da burguesia estão mais seguros nas ruas de Moscovia do que em qualquer outra cidade onde tenho estado.

Note-se que Minor critica asperamente os bolcheviques, que ele acusa de oportunistas, de moderados, de domesticadores da revolução. E Minor não é socialista, mas um simples democrata radical!

A desmobilização do exército vermelho

BUDAPEST, 4. — Organizou-se um governo de coligação formado pelos representantes da burguesia e dos lavradores para desmobilizar o exército vermelho e reunir a assembleia nacional. — H.

Lembra este sindicato aos camaradas que não tenham listas para as oficinas onde trabalham, que as podem reclamar todas as noites, na sede, esperando que todos saibam prestar o auxílio de que carecem os nossos camaradas presos e suas famílias.

Federação da Construção Civil

Reuniu ultimamente o Conselho Federal, tratando das prisões arbitrarias contra os elementos da organização operária, resolvendo provar perante as autoridades que os militantes desta organização são honestos trabalhadores, embora contra alguns haja a acusação de algumas prisões efectuadas em idênticas circunstâncias arbitrárias, continuando detidos no quartel do Carmo criaturas presas pela primeira vez.

Foi nomeada uma comissão para tratar deste assunto e procurar prestar toda a solidariedade aos operários encarcerados.

ACÇÕES
do
Banco Nacional Ultramarino

TENDO sido comunicado em ante-
rios e circulares deste Banco que
o depósito do pagamento primeiro divi-
dido de que após esta emissão distri-
buir, o grupo financeiro pagará aos ac-
cionistas que deixarem de concorrer
subscrição e não houverem disposto
o direito de preferência que lhes assi-
sta, a quantia de 37350 por cada uma
das antigas ações que possuem, des-
ciando-se esse pagamento em dinhe-
ro em títulos da nova emissão, ao pa-
ço de 30300 cada um, conforme
os seguintes grupos: convier, um grupo
de acionistas pagará aqueles que lhe ce-
rem o referido direito de preferên-
cia importância consideravelmente maior.

Trata-se com o delegado de gub.
dr. Santos Lourenço, R. de S. Juli-
m. 174, 2.º

TEATRO S. LUIZ
Roteiro de autoria
JOAQUIM COSTA
O PÉ DE MEIA
Noite de alegria e gargalhada

Últimas notícias

A Revolução Social Húngara não foi esmagada!

O novo governo composto de socialistas e :: :: sindicalistas :: ::

BUDAPEST, 2. — O novo governo, da residência de Julius Bandel, é composto exclusivamente de socialistas e sindicalistas. Dirigiu uma proclamação ao país, dizendo que o seu prim.iro dever é manter ordem no interior e negociar depois com ENTENTE.—H.

Odio de raças

CHICAGO, 2.—Dos combates travados entre os brancos e os negros resultaram 30 mortos, 18 dos quais são negros. —H.

DEPOIS DA PAZ

reorganização da marinha mercante francesa e as fronteiras da Tchecoslováquia e da Hungria

PARIS. 2. — A comissão parlamentar a paz ouviu hoje o sr. Leygues, ministro da marinha, o qual descreveu os esforços feitos pelo governo francês no fim de recuperar a tonelagem perdida e exaltou o papel desempenhado pela marinha francesa durante a guerra; a comissão ratificou depois o tratado de paz. O sr. Barthou deve ler a terça-feira na câmara dos deputados seu relatório sobre o tratado.

— O conselho supremo reúnho-se esta tarde no Quai d'Orsay, aprovando as condições a tomar a respeito das fronteiras da Tchecoslováquia e da Hungria.

— O preço da emissão é de Esc. 300 importância líquida a pagar nas épocas seguintes:

— No acto da subscripção.

Até 1 de Setembro de 1919	Esc. 305
Até 1 de Outubro de 1919	" 603
Soma	" 2103
	" 3000

Os srs. accionistas subscriptores preferirem pagar escalonadamente referidos Esc. 270\$00 das duas últimas prestações, podem fazê-lo pela seguinte forma:

Até 20 de Setembro	GER ED
--------------------	--------

Pessado camaráda.—E' com o espirito avoatado que vos escrevo. A democracia desta Republica, que triumphou depois de tantos erros, procura sempre atravez dos tempos mostrar que nao passa de uma ficção. Isto não é Republica, é a Santa Quisquidia.

Vamos descrever o caso passando como fosse. Tinhaheis chamado a nossa refeiçao da noite. Eu estava só e uns 20 homens, e quando chegaram os *Avental*, suspendei a publicação e como protesto contra a mordaca que me tinhames posto, dei-lhes um copo de ginjoun. Este lamentavel caso cantámos á canção do *Pracato*.

Pois foi o bastante para que, com grande espanto nosso, nos fosse tirada a luz, no momento em que eu estava a escrever este extraordinario. Com espanto vimos retirar mangueira da agua e por-se tudo a posar.

Até 20 de Outubro de 1919..... Esc. 608
Até 20 de Novembro de 1919..... 609
de 1919..... 1508

Jendo estas importâncias acrescidas juro á razão de 6 % ao ano.

Não falta de pagamento das preções os retardatários ficam sujeitos disposições legais e estatutárias.

Os srs. acionistas deverão apurar, no acto da subscrição, as condições que possuem e preencher os impressos.

de São Paulo para quem não quer pagar mais impostos. Serão fornecidos nos locais subscritos.

Do número total das ações subscritas pelas srs. acionistas deduzir-se-á, em primeiro lugar, o necessário para satisfazer os pedidos na proporção de uma ação nova por cada ação antiga e às ações nestes termos subscritas até retrocedido um bonis de 40 % 120\$00 por cada uma, sendo as restantes rateadas, sem bonis, pelas srs. acionistas na proporção do número de ações que actualmente possuem.

Os bonis de 40 % serão pago acionistas no acto da liquidação

É no próximo domingo, 10, pelas 20 horas e meia, que se realiza a grande festa de solidariedade a favor do propagandista do movimento operário João Barbosa, na Academia Recreativa de Lisboa, rua do Socorro, n.º 11-C. É o primeiro espectáculo o nosso amigo e amador Eduardo de Freitas, actor, em uma conferência a qual se seguirá o drama a *Greve* desempenhado pelo grupo dramático da secção da Construção Civil de Belém.

Privem-se todos os sindicatos e ca-

paradas que tinham bilhetes e que não tivessem respondido ao apelo da comissão organizadora desta festa que delegados da mesma irão por estes dias fazer a respectiva cobrança.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na rua António Maria Cardoso, n.º 20, 1.º e 2.º andares da Academia Recreativa de Lisboa, mas não têm hora fixa de começar o espectáculo.

Atropelamentos

No Banco do hospital de S. José foi percutido Manuel Monteiro Golega, de 28 anos, empregado no comércio, residente na Penha Verde, vítima de um acidente de trânsito ocorrido no dia 1.º de Agosto.

As subscrições recebem-se, referidos dias 4 a 9 do mês de Agosto corrente, inclusivé, das 6 horas da manhã às 6 da tarde, em qualquer das seguintes localidades:

da de Santana, 207, 2.ª, que na Avenida da Liberdade foi colhido por um automóvel guiado por José Simões Diniz, ficando confuso na ruação parical esquerda.

No mesmo Banco foi igualmente pensado, ficando ali em observação, António Augusto, 10 anos, residente na rua da Bela Vista, 4, Graca, 46, que na rua do Amarelo foi colhido pelo automóvel 2-142, guiado pelo chauffeur Manuel Gonçalves, morador na Avenida 5 de Outubro, 25. O peão ficou muito confuso pelo corpo e o chauffeur foi preso.

Sede no Banco, em Lisboa, Sucursais, Filiais e Agências Provinciais, Colónias e Estrangeiro.

Lisboa, 2 de Agosto de 1919.

Banco Nacional Ultramarino

O governador

J. H. Ulrich.

OPERÁRIOS E INTELLECTUAIS
Bela-Kun fala aos professores
Num dos últimos números do El Sol, diz-nos o jornalista Andrés Róvís, a propósito do primeiro congresso dos professores de Budapest:

«Como sabemos, o fim do comunismo é o nivelamento da sociedade e não só a dos antigos explorados e exploradores, como também o que é talvez mais difícil — a dos operários e intelectuais. Para alcançar esse propósito, decretaram os comunistas húngaros a instrução obrigatória até à idade de dez anos, implantaram o trabalho obrigatório para todos e abriram a Universidade Operária de Budapest. Não pode negar-se que os comunistas tomaram todas as medidas para favorecer a educação física, artística e intelectual da juventude.

«Admiram muitos os professores da República Soviética húngara realizarem em Budapest o seu primeiro congresso. O principal orador do dia foi o infatigável Bela-Kun que, segundo diz o jornalista italiano, trabalha dezasseis a dezoito horas por dia e pronuncia dois ou três discursos.

«Bela-Kun fez aos professores uma conferência a fim de os preparar para o trabalho de propaganda que o Comunismo deles espera.

«O professor, disse o caudilho comunista, tem o dever de levar às almas, aos camponeses, a consciência proletária e revolucionária.

«Deves continuar! Há quem se pronuncie contra a ditadura do proletariado por se basear na violência; mas esses, críticos calaram-se e viram cobardemente ante a ditadura da burguesia que, sob o seu aspecto falaz, simplesmente se baseava na violência.

«A nossa ditadura, a do proletariado garante à Humanidade o poder de livremente se desenvolver. O trabalho espiritual da sociedade comunista pretende atingir a mais alta perfeição da verdade humana. Não deve ser confundida a direcção espiritual com o trabalho espiritual.

«Para a direcção foram chamados os representantes clássicos da consciência proletária, mas o trabalho deve ser individual. Os directores terão a voz da consciência e da solidariedade proletária e os operários intelectuais realizarão o que se chama a diversidade dentro da unidade.

«O fim da educação comunista é suprimir o antagonismo que até agora tem existido entre operários intelectuais e manuais, isto é, entre as formas da actividade espiritual e física. Toda a casta de privilégios deve desaparecer para que os operários dos músculos e os do cérebro, se confundam numa só classe. Neste sentido devem trabalhar os intelectuais e, principalmente, os professores; devem concentrar todas as suas aspirações na criação dum futuro em que os operários estejam prontos para a luta, animados pelo espírito de sacrifício e em que todos sejam finalmente, representantes clássicos da consciência proletária.

O discurso de Bela-Kun apresentava um problema muito da actualidade: o da relação entre operários e intelectuais, que até hoje tem sido descuidada, se bem que tenha quasi a mesma importância que o problema puramente económico. Todos sentem que mais dia menos dia tem de ser solucionada esta questão, para que não se azele mais ainda, e as palavras do chefe comunista húngaro talvez apresentem uma solução ou, pelo menos, uma ideia prática, susceptível de aperfeiçoamento.

Confito numa oficina metalúrgica
Foi prontamente solucionado um conflito suscitado entre os metalúrgicos da Casa Moutela, ao Intendente, e o respectivo industrial, em consequência da solidariedade e intransigência do pessoal em se recusar a trabalhar as duas horas suplementares sem que lhe passassem os 50 % sobre o salário das 8 horas.

O industrial, mudando de rumo, letermu-nos que, de futuro, na sua oficina vigorasse o horário das 8 horas, o muito especialmente dando as duas horas suplementares, mas com a percentagem devida.

Comprometem-se ainda, esse industrial, a não exercer represálias sobre os operários.

Jornal do Público
Aumentos ilegais de rendas de casa
Apesar da lei do inquilinato que pretende salvaguardar os interesses dos inquilinos, os senhorios continuam a aumentar as rendas quando muito lhes dá na gana, sem que a polícia ou a quem superintende neste assunto os incomode por esse motivo.

Assim, os srs. José Francisco Ribeiro e Rosa Lopes dos Santos, inquilinos do prédio sito na Rua dos Cordeiros, n.º 31 e que ocupam respectivamente o lado direito e esquerdo do primeiro andar, viram-se obrigados a depositar a renda das suas casas na Caixa Geral dos Depósitos, pois o seu senhorio, o sr. Martinho de Oliveira, estabelecido com sapataria aqui na Calçada, 67 e 69, entende aumentar-lhes as rendas de Esc. 2550 para Esc. 8800, a pequena diferença de Esc. 5550.

O ilegal aumento foi feito a todos os inquilinos que o gramaram, apenas se revoltando os dois indivíduos acima.

Intil protestar, o remédio está nas mãos dos roubados.

Um soba
Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«No último domingo, 27, numa obra que existe na rua José Patrocínio, ao Povo do Bispo, quando alguns operários pedreiros estavam trabalhando, apareceu o ex-operário, hoje patrão africano, Domingos Egypto, que há pouco veio de África, de onde trouxe alguns contos de reis e que hoje, no sítio, é um inimigo fidalgo dos operários. Dá-se o caso que na dita obra encontrava-se o pedreiro Joaquim Ribeiro, rua de Marvila, 150, que junto de um outro camarada lamentava a situação em que os operários se encontram e muitas vezes em trabalhos difíceis, como aquele em que então se encontravam. Nesta altura o tal africano começou a intrometer-se na conversa, fazendo-o de modo grosseiro. O camarada Joaquim Ribeiro retorquiu, dizendo-lhe que por ele hoje estar bem, não se lembrava já dos que morreu. Foi o bastante para que o soba agarrasse numa alavanca e descarregasse tamanha pancada na cabeça do Ribeiro que o prostrou no solo.

Amparado por alguns camaradas, foi conduzido ao hospital, onde o ferimento lhe foi cosido com 8 pontos naturais. O agredido deu do caso conhecimento por escrito ao comandante da polícia, mas o soba anda-se gabando que, embora gaste 50 ou 60 escudos, abafará a questão. A queixa vai testemunhada por cinco pessoas, que presenciaram a agressão e que protestam indignadamente contra o soba, que se gaba que em África cortou braços a pretos à paxada, julgando que está tratando com escravos? Assim parece.

Um despotismo
Recebemos a seguinte carta, cuja publicação nós é solicitada:

Camarada redactor—Poco-lhe a fineza de me publicar o que segue no nosso diário, a fim que se saiba que eu e sr. apontador Manuel dos Reis, do Bairro Social da Alameda.

Este senhor costuma andar em mangas de camisa na obra, não para trabalhar, e é claro, mas para que os operários vejam um colíre que traz à cintura com uma pistola. A's vezes tem rasgos de eloquência como este: «Se algum me faltar ao respeito, meto-lhe uma bala na cabeça».

Há tempos foram despedidos os camaradas pedreiros Manuel de Sousa e José de Sousa, mas como estes operários houvessem uma fraca de palavras com o encarregado, pois entraram com uma pistola, o sr. Reis emprestou logo solitariamente a sua pistola ao encarregado para que ele se defendesse, não sei de quê. Costuma ainda o sr. Reis empregar parte do tempo a atirar ao alvo, dentro da obra, isto naturalmente com o fim de embelesar o pessoal.

Bom seria que o sr. Craveiro Lopes, que não permite que se cobrem as cotas da Associação dentro da obra, nem que lá se façam subversões, fizesse ver a quem despotiza que não está em África e que os trabalhadores não são negros, fazendo-o entrar na ordem, antes que a organização do Construtor Civil reclame a quem de direito, pois que os trabalhadores do bairro já apelaram para a sua associação de classe.

Estamos no século XX, sr. Reis, que é como quem diz no século das transformações!—J. D. Simões.

Um acto de justiça
José António Grandão, é um condenado de direito comum, que há 7 anos espia a pena que lhe foi imposta. Encontra-se actualmente na Cadeia do Limoeiro, aguardando oportunidade para seguir para África, a fim de cumprir o resto da pena em que foi condenado. Tencionava o Brandão levar para África sua esposa, Maria Joana, que para ele tem sido duma dedicação sem limites, pois nunca o abandonou no seu cativeiro, auxiliando-o por todos os meios ao seu alcance. Acontece que a Maria Joana foi presa à porta da cadeia onde, como de costume, o dia diariamente visitar.

Um motivo da prisão é o facto de um oficial de diligências exigir que ela lhe indicasse o paradeiro duma mulher, sua conhecida e cujo destino ignora, não podendo portanto satisfazer os desejos do citado oficial. O referido condenado pede ao sr. ministro da justiça que dê ordem para que a esposa seja posta em liberdade, para a poder acompanhar e para continuar a auxiliá-lo durante os poucos dias em que ainda se conservar no Limoeiro.

Por acharmos de toda a justiça este pedido, aqui o transcrevemos, esperando que o pobre condenado veja satisfeita a sua aspiração.

Um confito à porta da Casa da Moeda
Recordam-se os leitores do confito que se deu à porta da Casa da Moeda, entre um amarelo e alguns grevistas, do qual resultou a prisão, por vingança, das camaradas José da Silva e Ventura Marcolino, que passavam na ocasião e que nada tinham com o caso.

Durante nove dias estiveram estes camaradas detidos, sendo postos em liberdade por nada se ter provado contra eles.

Justo era que estes dois operários fossem readmitidos, visto não terem praticado crime algum. Não o entenderam assim o sr. Lúcio de Azevedo, director daquele estabelecimento do Estado, que se recusou terminantemente a admitir as duas vítimas citadas, suspendendo-as por tempo indeterminado. Dura a suspensão há 56 dias, sem que os dois operários suspensos saibam quando terminar a sua injusta medida. Bom seria que o director da Casa da

Moeda terminasse com tal suspensão, pois para castigo dum crime que não cometeram, já basta a prisão e a suspensão sofridas.

Últimas da casmurra patronal
Foram despedidos da oficina de ourives do sr. Eugénio Marques, sita na rua dos Retrozeiros, 120, 4.º, quatro camaradas ourives, que aquele senhor se haviam dirigido reclamando, à semelhança do que já está estabelecido nas outras oficinas congêneres, o regulamentamento de 8 horas.

Segundo nos informa um dos oficiais despedidos, aquele senhor, que tem aspiarações a burguês, procedeu apenas por casmurra, pois se prontificava a conceder essa regalia apenas a um oficial, com a condição deste ocultar o facto aos seus colegas. Como o referido oficial se não prestasse a tal deslizada, daí a ordem de despedimento para os quatro.

Que todos os ourives fiquem conhecendo este patrio modelo.

Uma reclamação justa
A quando da declaração de guerra com a Alemanha, e incluído no número dos inimigos que o governo português enviou para além fronteiras, também foi José António Mellert, que ao tempo era gerente duma casa comercial alemã. Apesar deste indivíduo provar ter nascido em Lisboa, ter cumprido a lei militar, ter casado com uma senhora portuguesa e não estar registado em nenhum consulado inimigo, sendo, portanto, para todos os efeitos, cidadão português, acabou a ser enviado para a Alemanha, e teve de ir para o exílio (Espanha), Madrid, onde tem estado.

Quando, que terminou a guerra, e o comércio português tratou de restar as suas relações comerciais com a Alemanha, José António Mellert requereu ao ministro dos negócios estrangeiros para lhe ser consentido regressar a Portugal, juntando documentos válidos e convincentes de como foi uma vítima da sua expulsão de Portugal, e em vez de um em que o ministro de Portugal em Espanha lhe concedeu a entrada, pois apesar disto, aquele cidadão português, tornado à força súbito alemão, nada conseguiu ainda, parecendo que o seu exílio representa um castigo, devido a causas de desconhecimento, e que por todos os motivos tem de ser reparado.

Acendendo o rastilho
Os industriais vidreiros da Marinha Grande lançam dezenas de operários na miséria.

Da Marinha Grande comunicam-nos um facto gravíssimo. Trata-se nada mais nada menos do que do despedimento em massa dos operários que se empregavam nas fábricas de vidros daquela vila. Parece que tal resolução foi tomada pelos industriais, após uma prévia combinação. Certo é que a indústria vidreira está paralizada, o que ocasionará a miséria de muita família.

A Companhia Vidreira Portuguesa cessou a laboração e, passadas quatro horas, notificava aos seus operários que estavam despedidos e que podiam, portanto, arranjar trabalho noutras fábricas, quando todos sabiam já que a laboração nas outras fábricas tinha cessado igualmente. A uma das que ainda está em laboração, foi um operário pelo trabalho, sendo-lhe perguntado se era empregado na Companhia. A resposta afirmativa, foi-lhe negado trabalho, percebendo-se assim claramente que nisto tudo anda um sinistro plano elaborado pelos industriais.

O industrial Santos Barbosa paralizou também o seu forno.

Há coisa de uns três meses que os operários vidreiros tinham apresentado aos industriais umas tabelas de salários, por estes aprovadas, mas a menor observação, dizendo alguns que era muito justo o pedido de aumento dos operários, para afinal agora faltarem ao compromisso tomado.

Guardamos informes detalhados daquela vila, que comunicaremos aos nossos leitores.

MORQUE
Entradas—Um feto encontrado abandonado na rua dos Sete Castelos e Boaventura Francisco Paulo, de 62 anos, remador e residente na rua das Fontainhas, 17, 2.º, que faleceu sem assistência.

Autópsia—Ainda não foi reconhecida aquela mulher encontrada morta na Calçada das Lages, a que da continuou em exposição. A sua autópsia efectua-se hoje.

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da Cruz e peritos drs. Adribal de Aguiar e Gerardo Brito, efectuaram-se ontem as autópsias judiciais dos cadáveres de Gaspar Rodrigues, carpinteiro, que residia na rua Andrade Corvo e que, no domingo, no Vale da Boa Vista, foi conduzido de um camion militar, tendo morte instantânea; de Joaquim Maria, residente na rua das Amoreiras, 29, ao Pote de Água, que morreu de uma queda de uma escada; e o que faleceu no Banco do Hospital de S. José, onde foi conduzido no auto da Cruz Vermelha.

Scena macabra—Sob a presidência do mesmo magistrado e pelos mesmos peritos efectuou-se ontem a autópsia da menor Maria Gomes, residente em Alameda de Paio Mendes, 44, que morreu de uma queda de uma escada, tendo morte instantânea. A causa da morte é indeterminada.

Morto desconhecido
Na enfermaria S. (S. Sebastião) faleceu um indigente, cujo nome não se conhece, apresentando 42 anos e que ali dera há dias entrada.

Agressão
No Banco do Hospital de S. José foi pensado António Sequeira, de 33 anos, caixeiro, do Armazém de Vinhos do Val do Rio, 15, 1.º, que da continuou em exposição. A sua autópsia efectua-se hoje.

Gazes da guerra
O dr. David de Moraes Sarmiento procedeu a estudos sobre a acção dos gases da guerra sob o ponto de vista médico, tanto nos hospitais do exército britânico, como nos do C. E. P., merecendo ser nomeado pela Inglaterra representante de Portugal na grande comissão internacional, regressada a Portugal, continuou os seus trabalhos no Instituto de Medicina Legal, cujo director, em Março deste ano, solicitou a necessária autorização para que esses estudos ali pudessem ser continuados, o que foi concedido.

Há dias, tendo o dr. Moraes Sarmiento concluído o seu primeiro relatório, foi pedida autorização ao ministro da guerra para se publicar o referido relatório por conta do Estado, a qual foi concedida.

Consta-nos que o trabalho do dr. Moraes Sarmiento constitui uma preciosa contribuição para o estudo do importante problema da acção dos gases da guerra sob o organismo humano, e que pode, sem receio de confronto, ser posto ao par dos melhores que sobre o assunto tem sido feitos nos países estrangeiros.

Eleição do presidente da República
Sessão do Congresso
E' eleito o dr. sr. António José de Almeida

A's 18 horas, o sr. Correia Barreto que preside à sessão do Congresso, declarou aberta a sessão. As galerias estão concorridas. Feita a chamada, verificase que estão presentes 169 congressistas. Estão em exercício 182.

Como na sala haja enorme sussurro, o sr. Correia Barreto diz que a eleição dum presidente da República é um acto solene a que não lhe dará começo sem que os congressistas estejam com a necessária compostura.

Feito silêncio, procede-se à votação, entrando na urna 181 listas. Nomeados escrutadores os srs. Abolin Ingler e Lima Duque, procede-se ao primeiro escrutínio, verificando-se que a primeira eleição deu o seguinte resultado: dr. António José de Almeida, 87 votos; dr. Teixeira Gomes, 82; dr. Afonso Costa, 3; dr. Magalhães Lima, 1; dr. Duarte Leite, 1; coronel Barreto, 1; Azevedo e Silva, 1; listas brancas, 5.

Verificado este resultado, as 19 horas e meia, suspende-se a sessão para reabrir às 20.

Procedendo-se à segunda votação, acabada esta o presidente convida para escrutadores os srs. Alves dos Santos e Jacinto de Freitas. Feito o escrutínio, verifica-se que entraram na urna 179 listas e que o resultado da segunda eleição é o seguinte: dr. António José de Almeida, 93 votos; dr. Teixeira Gomes, 83; listas brancas, 2 e uma inutilizada. A segunda votação verificou-se às 21 horas menos cinco minutos.

As galerias manifestaram-se com vivas à República e ao dr. António José de Almeida. Os deputados reclamam silêncio, o que não chegou a efectuar-se.

Reabrimo-nos a sessão, às 21 e meia, procedendo-se em continência à terceira votação, verificando-se que entraram na urna 187 listas e que deu o seguinte resultado: dr. António José de Almeida, 123 votos; dr. Teixeira Gomes, 31; listas brancas, 13.

Confirmada a eleição do dr. sr. António José de Almeida, para a presidência da República, das bancadas evolucionistas um deputado solta um viva à União Sagrada.

E assim acabou a função.

Todos devem ler
A Minha Defesa
por Jorge Etiévant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já a administração de A Sementeira, Cota do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

Préso doente
Para um dos quartos particulares do H. de S. José, entrou o preso político Otilmar de Aguiar Monteiro, de 25 anos, comerciante e morador na rua Garcia da Horta, 99, 4.º.

Mais perseguições
Em Faro

O caminho dos... liberais... Prises e mais prisões

Os democráticos andam contentíssimos. Tem agora um governador civil, teso, Democráticos e monárquicos dão-se as mãos e dizem: então já há isto mais nas prisões? E! preciso... é preciso que estes canais dos socialistas e anarquistas não vejam a luz do sol.

No tempo de Sidónio os monárquicos de Faro não só exigiram a prisão dos socialistas e anarquistas mas também a dos democráticos. Agora são os monárquicos que indicam os indivíduos que devem ser vigiados e os democráticos que executam a vontade da reacção, espreitando e denunciando os indivíduos que devem ser presos. Há dias os marinheiros prenderam um pobre trabalhador por bolchevista e logo os marinheiros deixaram de ser para os monárquicos os maiores malandros que eram no tempo desembrista.

Por este caminho ainda veremos os democráticos porem debaixo dos monárquicos.

Foram presos e encontram-se incomunicáveis os nossos amigos e camaradas Eugénio Infante e Justiniano, empregados no comércio, porque há já bastantes dias falavam, na rua, da organização desta sociedade corrupta e criminosa.

Estão também presos mais os nossos amigos e camaradas Faria, barbeiro, e Melo, cesteiro, por pertencerem ao C. de P. S.

Parece que o governador civil, não querendo ficar atrás do já célebre franginheiro de veneno, coronel Barreira, pretende a prisão de todos os sócios do C. de P. S.

A cumprir-se as ordens de s. ex.ª teremos mais de cem indivíduos nas prisões da República.

Ferrovário perseguido pela polícia
Do camarada Rogério Augusto Rocha, ferroviário, recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor—A polícia anda-me no encalço, não sei porquê, mas anda-me no encalço. Já em 6 de maio passado me prendeu, quando eu me encontrava na caixa de correio de S. José, e ali fiquei no quartel de marinheiros, incomunicável, e depois me depus em liberdade sem me explicar porque me havia detido.

Agora volto a ser procurado pelos esbirros, que já me passaram busca a casa, sem se fazerem acompanhar de qualquer documento autorizando-a tal, e obrigando-me a abandonar a família para não lhes cair novamente nas mãos.

Os polícias que na minha ausência me visitaram crismaram-me de Rogério Frade e Almeida, Estrada do Sacavém, vila dos Patos, e estão a fazer-me uma busca, porque pertencimento a seu pai, a Manuel da Almeida, 42 anos, residente no mesmo local, a arma de fogo de 38.000, e a uma caixa de ferramentas de madeira, projectil, através do peacoco do Manuel Mota, que recolheu ao hospital de S. José.

Foram presos o menor e o pai por este não ter licença de porte de arma.

Os acontecimentos de Vila Nazare, 1
Processos dos mantenedores da ordem—Assalto à mão armada

Recebemos a seguinte carta a que damos publicidade, juntando os nossos atos propositos da camarada que nos escreve:

Camarada redactor de "A Batalha"—Nunca precisei esta vila de polícia ou guarda de qualquer espécie para manter a ordem, que era, anteriormente à vinda da guarda republicana para aqui, quasi inalterável, graças à existência dum melrinho que era a única autoridade da terra. A ordem tem perigo cada vez mais, a medida que se vão multiplicando os seus mantenedores. Agora, que por todos os cantos povoados soldados de cavalaria e de infantaria para aqui vieram para... fazer o policiamento, ordem e tal que a vida do povo desta laboriosa e pacifica vila está suspensa dos canos das espingardas ou do vórtice do primeiro... agulheiro que aparece. O que se nos passou a este respeito, basta, para exemplo o meu caso.

Sabe o camarada que todo este concelho está em estado de sítio decretado depois do assassinato de José Maria de Almeida, de entre uma multidão de grevistas. São os habitantes perigosos obrigados a recolher-se a casa, enquanto que os endinebrados e os perigosos e de cá e de lá andam por essas ruas, na maior das liberdades, namorando e cantando versos à lua. Ora sucede que eu, que sou dos perigosos, porque sou dos que não me temo, se atiram a mim como cães de fila, espandendo-me barbaramente e deixando-me em miséria eterna, como se eu calculasse, e não me dá o comando da minha vida, para eu poder salvar-me para poder ir à aula. Que era preciso, me disse o capitão, pois os guardas nocturnos me acompanhariam a casa.

Por isso venho rogar-lhe, caro camarada, a fineza da publicação destas linhas, que os meus mais videntes protego contra as atrocidades que eu diariamente se praticam, e que são a vergonha dum povo civilizado que se consente.

Creia-me, amigo e camarada.—J. V. Nunes

Cruzada Social
Reúna a comissão organizadora desta Cruzada, para tratar de assuntos que se prendem com a próxima sessão de propaganda. Foi resolvido, convidar a tomar parte na sessão os srs. Augusto Quintanilha, dr. Costa Júnior, dr. Sobral de Campos, D. Maria Onel Pedrosa e um delegado do pessoal hospitalar. A próxima sessão realisa-se na Associação dos Pais e dos Filhos, à Rua António Maria Cardoso, no próximo domingo. Aos camaradas de todos os concelhos de Lisboa, lembramos a conveniência de mandar estudar as bases e fins da dita Cruzada, para assim se orientarem sobre o seu valor e acção de solidariedade humana. Estas resoluções tomadas pela comissão organizadora, foram aprovadas por unanimidade. Os camaradas interessados em poder desde já enviar o dito projecto a todos os sindicatos. Aos camaradas lembramos também que já foram distribuídas diversas listas de subscrição.

Má brincadeira
Para a enfermaria 1 (Santo Onofre) do Hospital de S. José, entrou Manuel de Aguiar, de 11 anos, residente no Vale dos Pacatos, ao arriero, que estando ali com um seu visinho de nome Manuel, de 15 anos, de brincadeira com um pistão de uma arma de paí delé, a arma disparou-se, indo a bala atravessar a cara do Mota.

Sociedades de Recreio
Para a enfermaria 1 (Santo Onofre) do Hospital de S. José, entrou Manuel de Aguiar, de 11 anos, residente no Vale dos Pacatos, ao arriero, que estando ali com um seu visinho de nome Manuel, de 15 anos, de brincadeira com um pistão de uma arma de paí delé, a arma disparou-se, indo a bala atravessar a cara do Mota.

Club Recreativo "Os Clorins"—Pela última vez a direcção convidou as comissões nomeadas para levar a efeito as festas do aniversário do Club Recreativo, para o próximo sexta-feira, 8 do corrente, para elaborar o respectivo programa.

Sociedade Musical Instrução Libertadora—A fim de obter fundos para o seu cofre realizou há dias, esta Sociedade, uma recita, de cujo producto 50 por cento foi destinado a auxiliar a publicação de "A Batalha". Comunicamos a todos os grupos, D. 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632

SIN CARCERES da PROVÍNCIA

Metallúrgicos de Gaia.—Reuniu a comissão administrativa da 3.ª secção da Associação de classe dos operários metallúrgicos, sob a presidência do camarada Manuel Rodrigues Pereira. Apreciados alguns assuntos de ordem interna, resolveu-se que baixasse a uma próxima assembleia geral, a realizar em 5 do corrente, uma moção referente às violências exercidas contra *A Batalha e Avante!*, de autoria da U. S. O. de Gaia e já publicado neste jornal.

Caixoteiros de Gaia.—Reuniu a comissão administrativa, apreciando uma moção transcrita num ofício datado da U. S. O. de Gaia e respeitante às perseguições à imprensa operária. Foi dado o apoio a esta moção de protesto, resolvendo-se a convocação de uma assembleia para tratar do assunto, se isso for julgado necessário.

Câmara Municipal de Lisboa

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa recebeu um telegrama do sr. António Costa, presidente da delegação portuguesa na Conferência da Paz, em que agradece, em seu nome e no dos seus colegas, o telegrama de saudação que lhes foi enviado.

Fructos da guerra

O funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, sr. Duarte Silva, de quem se trata um gráfico, que se encontra exposto nos Paços do Concelho e no qual de uma forma claríssima se apresenta o movimento de obediência por tuberculose durante o tempo de guerra ou seja de 1914 a 1918, e igual espaço de tempo antes do rompimento das hostilidades, 1909 a 1913. É um mapa digno de ser consultado, pois não só se verifica com toda a facilidade o aumento constante daquela terrível doença, a que mais vítimas está produzindo, é um trabalho feito com absoluta exactidão, podendo por isso servir de base a estudos sobre o assunto por parte das autoridades médicas e outras. Pelo mapa vê-se que tendo morrido com tuberculose no ano de 1909, primeiro dos tempos da guerra, 1429 pessoas, no primeiro ano de guerra morreram 1720, e em 1918, último ano das hostilidades, a tuberculose matou 1888 pessoas.

A totalidade de mortes por esta doença nos 6 anos da guerra foi de 9291 contra 7200, número total de tuberculosos mortos nos 5 anos anteriores à guerra, sendo a percentagem média anual no período dos 6 anos antes da guerra de 54 por 10.000 habitantes, subindo a essa percentagem de 60 por 10.000 habitantes durante os últimos 6 anos.

Levou o autor do gráfico a indicar estas percentagens o caso de apresentando unicamente o autor, sr. Duarte Silva, o que tem dedicado o máximo do seu esforço ao estudo de capital importância.

Sindicância aos serviços dos mercados

O sr. Joaquim Pratas, tendo reconhecido que havia toda a conveniência em transformar o inquérito aos serviços dos mercados numa sindicância completa a todos aqueles que ali se acham a trabalhar, para o efeito de estabelecer a disciplina e a ordem, e de evitar a existência de funcionários dos serviços que desempenham, a medida que a sindicância o aconselha, e propõe a criação de um Conselho de Executiva 1.ª, que o actual inquérito aos serviços dos mercados se transformasse em uma sindicância, 2.ª, que fosse nomeada pelo Conselho de Executiva, e 3.ª, que fosse nomeada pelo Conselho de Executiva, e bem assim reintegrar-lhe logo que os julgasse ilibados de culpa.

Lagoa do Campo Grande

O sr. Augusto Cesar dos Santos, tendo em vista a necessidade de beneficiar os esportistas da lagoa do Campo Grande que necessitam alguns melhoramentos, conseguiu por meio de um subscritor, a fim de tornar ao público que ali se acham a trabalhar um material decente e limpo, e ainda para prover, por parte da Câmara Municipal, a manutenção de todos os materiais necessários para a construção de um armistério material para a construção de 24 carros, para serem feitos nas suas oficinas.

O serviço de carros eléctricos

O sr. José Gregório de Almeida, deu conhecimento da resposta da Companhia Carris de Ferro ao ofício que lhe tinha sido dirigido pela Câmara, convidando-a a apresentar o número de carros em circulação em conformidade com as necessidades da população.

Os que roubam fora da lei

O sr. Julio Francisco Mariano, com estabelecimento de fazendas na avenida Almirante Reis, 12-A, queixou-se à polícia de que lhe furtaram fazendas no valor de 6000.

Apresentou queixa à polícia Manuel Vasques Reimoldo, com sapataria na rua de Abril, 67, de que furtaram do seu estabelecimento calçado no valor de esc. 5800.

Queixou-se a polícia Park Sarry Ckeo, hospedado no hotel Americano, no largo de S. Paulo, de que tendo-se deixado dormir num banco do Jardim do Pais de São Paulo, lhe furtaram de uma carteira com o nº 25.914, do Banco Ultramarino, com o depósito de 1.10000, e uma corrente e relógio de 1.º ouro no valor de 6000.

Queixaram-se a polícia António Mendes, rua de S. Paulo, 235, 1.ª, de que lhe furtaram uma carteira com 2200 e um relógio e corrente de prata, no valor de 15000, e Maria dos Santos Silva, alameda de Santo António dos Capuchos, 16, loja, de que lhe furtaram vários objectos no valor de 2700.

A Penda dos operários

Depois de operado da laparotomia no Banco do hospital de S. José, onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha, recolheu em estado gravíssimo a enfermaria 4 (Santo António), Francisco Esteves, de 10 anos, que caiu de um andaime armado à altura de um terceiro andar, nas obras do edifício destinado à Escola Normal na avenida Gomes Freire, em Belem. A vítima, que além de grandes ferimentos no tórax, apresenta graves contusões no ventre, era o único filho de sua mãe, Maria dos Prazeres, com quem vive na rua das Parreiras, 14, em Carnide.

Conduzido pelo auto da Cruz Vermelha, deu entrada no hospital de S. José, onde recolheu de enfermaria 4 (Santo António), António Ribeiro Faisca, de 44 anos, servente dos Caminhos de Ferro do Sul, que na estação do Barreiro foi colhido por uma chapa de ferro que lhe fracturou ambas as pernas.

Para a enfermaria 5 (S. João Baptista), entrou Salvador Mendes, de 35 anos, trabalhador rural, residente em Carapinha, Alameda, que na quinta da Lagoa, naquela localidade, foi colhido por uma picota, ficando contuso no tórax.

O carro da Cruz Vermelha conduziu no hospital de S. José, Alvaro Gomes, de 14 anos, servente de pedreiro, morador na Cruz das Oliveiras, 15, que numa obra do Hotel de Monção, foi colhido por uma barra esmagando-lhe os dedos do pé direito. Recolheu à enfermaria 4 (Santo António).

No Hospital de S. José, faleceu Francisco Esteves, aquele servente que anteriormente foi vítima de um acidente nas obras do edifício em construção, destinado à Escola Normal em Bemfica.

Tiro nacional

Como de costume, está hoje aberta a carreira do tiro de Pedregos, das 12 às 18 horas, para todos os portugueses que desejem inscrever-se como atiradores, iniciar ou continuar os seus treinos para o próximo Concurso Internacional de Tiro a realizar de 15 a 19 de Outubro.

O facto de ter sido reduzido o preço das munições de espingarda e pistola, respectivamente para 60 e 802, cada cartucho, com que aumentasse extraordinariamente a frequência de atiradores à carreira de tiro.

Os atiradores que nunca tenham feito tiro com espingarda e pistola, poderão obter uma instrução preliminar por oficiais especialmente destinados a esse fim.

Torneio de metais

557 Precisa-se oficial com prática de canhão, para electricidade, a fim de tomar a seu cargo uma secção deste género. Carta indicando casas onde tem trabalhado e ordenado que pretendo, à Agência de anúncios, rua Augusta, 270, 1.ª, a E. M. 6.250.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

LEILÃO

Previne-se o público de que o leilão anunciado para o mês findo foi transferido para o dia do corrente e dias seguintes, começando às 11 horas, podendo ainda os interessados retirar as remessas ou quaisquer documentos, inclusive no Aviso nº 15.000 de 14 de Março de 1918 e artigo 5.º da Tarifa Geral, dirigindo-se à repartição das Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis, até ao dia 15 do corrente, das 10 às 16 horas. Lisboa, 4 de Agosto de 1918.

Pela direcção geral da Companhia Santos Viegas

Engenheiro Sub-director

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLOCADO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.ª Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58.

FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Calçado Barato

Só vende o

INTENDENTE (defronte do halariz)

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ribes Macedo & Borges, S. res 249

67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta

COMPANHIAS DE SEGUROS FRANCESAS
L'UNITÉ-L'UNIVERS-L'ILE DE FRANCE
Capital 17.000.000,00 francos
(EM PREPARAÇÃO PARA PORTUGAL)
Representante: J. FORCADA
Praça do Município, 13

GRANDE RETIRO DAS PEDREGULAS
BEMFICA
A dois passos do terminus dos eléctricos
Completamente transformado
EXPLENDIDO SERVICO DE RESTAURANTE
SALAS RESERVADAS PARA FAMILIAS
MEZAS PEQUENAS
Grande adega com vinho da própria quinta com linda vista. Bela paisagem e
Luxo e conforto
Fica sendo este Retiro o primeiro fóra de Lisboa.

Quereis fazer economias? Boa ocasião de comprar barato
COMPRAI NA
Louçaria do Pôço Novo
Louças esmaltadas, vidros, jarras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.
Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.
Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de *A Batalha*, tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a provincia — ilhas e colónias —
Largo do Pôço Novo, 22—Lisboa
(junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)
FABRICA DE CARIMBOS
DE A. S. Musgueira
Especialidade em carimbos de borracha, numeradores automáticos, datadores, prensas para sellos a branco, sinetes para lacre, sinetes para roupa, monogramas em prata e ouro para carteiras com esmerado acabamento. Desenhos para bordar, tinta para carimbos, etc., etc. Grande sortimento de chapas de ferro esmaltado. Trabalhos tipográficos em todos os géneros. — 70, Rua Augusta, 70—LISBOA.

COMPANHIA PORTUGUESA DE EXPORTAÇÃO
(EM ORGANIZAÇÃO)
CAPITAL 1.000 CONTOS
216 Continua aberta a subscrição de acções até 30 de Junho próximo, sujeita a ratelo, na sede provisória desta Companhia: Rua Augusta, 70, 2.º —Telef. C. 1196.
Pela COMISSÃO ORGANISADORA
António Monteiro de Macedo
Comerciante e Director da Companhia de Seguros *A Oriental*
Alberto Madureira
Médico e proprietário
Eduardo da Costa Cabral
Capitalista e antigo deputado
Elísio Pinto de Almeida e Castro
Contador do Tribunal do Comércio do Porto e antigo Senador
J. E. Saraiwa
Comerciante
Joaquim Avelino Martins
Engenheiro
Vladimiro Contreiras
Comerciantista

J. FORCADA & C.ª
COMISSÁRIOS DE AVARIAS
Corretagem e angariação de Seguros
PRAÇA DO MUNICIPIO, 13

Jesus na Guerra
O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomeça predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolado do sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Jesus na Guerra
tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.
Um elegante volume, artisticamente agasalhado na capa, claramente impresso, bom papel.
PREÇO \$50 centavos
A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

RAZÃO
que se apresenta modestamente tem contido um real valor.
Um folheto impresso em magnífico papel.
Preço \$05 centavos (50 réis)
A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

COMPANHIA DE SEGUROS
A NACIONAL
Sede nas suas propriedades
Avenida da Liberdade, 14, Lisboa
Seguros sobre a vida humana
E CONTRA
Acidentes no trabalho, incêndios, roubo e riscos de transporte

SIFILIS
Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da. Imunizações. Contagem das pessoas se tem curado. Trata-se de todas as doenças por mal de curar. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rez-do-olho, direito, à Estrela.

Nova lei de responsabilidade civil
(Decreto com força de lei de 10 de Maio de 1919)
Todos os proprietários de carroças, trens, bicicletas, motocicletas, automóveis, ascensores, guindastes, etc., etc., tem hoje absoluta necessidade de segurar contra o risco de Responsabilidade civil.
Pedir o exemplar da nova lei e propostas a A MUNDIAL que estabelecem prémios de competência e propaganda. Condições especiais para as empresas de transportes de passageiros e mercadorias.

A MUNDIAL
Capital: 500.000\$000—Reservas: 405.420\$767
OURO!!!
Mais barato e não se paga imposto
OURO
Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.
Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco custo
4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoas
TELEFONE 3676

Não me ralo!
Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vãos.
CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

OPTIMO CAFE
Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS
— PERFUMARIAS —
— AMERICANAS —
"MENNEN'S",
Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores
215 Rua Augusta, 70, 2.º—Telef. C. 1196

MADEIRAS
e materiais de construção nacionais e estrangeiros
Grande sortimento de soalhos de pinho de 1.ª qualidade
Forros e Falsificados de todas as qualidades
Vigamento de pinho em grosso e serrado. Casquinha e Spruce
Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas
João de Oliveira Duque
288, Rua do Bemfornoso, 290—LISBOA
R. Miguel Pais, 107—BARRREIRO

PREÇOS DE COMBATE
Sapataria João Salgado Oliveira
Fornecedora do Pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro
60, Rua Eugénio dos Santos, 64
— Aproveitem um grande salto de botas de velle à americana a 11\$90 —
A única casa que actualmente vende mais barato
Remete para a provincia contra reembolso

COMPANHIA DE SEGUROS "A COLONIAL"
AGENCIA GERAL
MARITIMA
TELEF. C. 2974—PRAÇA DO MUNICIPIO, 13
Agente: J. FORCADA

Serralharia Artística
Vicente Joaquim Esteves
TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO
Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas
Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo
RUA DAS AMOREIRAS, 92—LISBOA
Telefone 1412 (Norte)

COMPANHIA DE SEGUROS
Comércio e Indústria
Fundada em 1907
Capital nominal, 500.000 Esc.—Capital realizado e fundos de reservas 550.000 Esc.
Sede em Lisboa: Rua do Arco do Bandeira, 22
Seguros de: Incêndio, Agrícolas, Transportes terrestres e marítimos, Cristais e Valores pelo correio
DELEGAÇÕES—Porto, Braga, Coimbra, Faro, Guarda, Santarém e Torres Vedras
AGENCIA GERAL EM ESPANHA—BARCELONA
Correspondentes no estrangeiro e em todas as terras do continente, ilhas e ultramar
TELEFONES—Administração, 3312—Expediente, 1982

SOCIEDADE FINANCIAL DE SEGUROS, LT.
ANGARIAÇÃO E CORRETAGEM
REPRESENTAÇÃO DE COMPANHIAS DE SEGUROS
Praça do Município, 13
TELEFONES: C. 1385 E 2974
Gerente: J. FORCADA

A Rússia Nova
por Henriette Roland
Introdução de Perfeito de Carvalho
O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da "Constituição actual da Rússia". Estudo de um novo regime social—Os Soviets e a sua obra.—Abolição da propriedade privada e reforma agrária.—Os serviços de instrução na Rússia.—Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianov (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.
Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.
Preço \$10 centavos
A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º